

A ORGANIZAÇÃO INTENCIONAL DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS CANTINHOS DE ATIVIDADES

Antonio Ricardo de Souza Santos ¹

Maria Isabel do Nascimento Silva ²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da organização intencional dos espaços educativos, com ênfase nos cantinhos de atividades, como estratégia pedagógica para promover o desenvolvimento integral da criança. Fundamentando-se em teorias como o construtivismo e a pedagogia montessoriana, parte-se do princípio de que o ambiente preparado é um facilitador da aprendizagem, estimulando a autonomia, a criatividade e as interações sociais. Os cantinhos de atividades – como os de leitura, artes, natureza e faz de conta – são espaços planejados que oferecem múltiplas oportunidades de exploração, permitindo que as crianças desenvolvam habilidades cognitivas, emocionais e sociais por meio de vivências significativas. Nessa perspectiva, o professor assume o papel de mediador, atuando de forma estratégica para equilibrar estrutura e liberdade, sem interferir na espontaneidade do processo de aprendizagem. Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem qualitativa, utilizando o Relato de Experiência e o Diário de Bordo como instrumentos para registrar e refletir sobre práticas pedagógicas vivenciadas em sala de aula. Conclui-se que a organização dos cantinhos não se limita a uma simples disposição física, mas traduz uma proposta pedagógica que reconhece a criança como protagonista de seu conhecimento.

Palavras-chave: Educação Infantil; Cantinhos Pedagógicos; Autonomia; Aprendizagem Ativa; Organização do Espaço.

1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil constitui a primeira etapa da Educação Básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (Brasil, 2009). Nessa fase, o brincar e as interações assumem centralidade, sendo considerados eixos estruturantes das práticas pedagógicas. No entanto, para que essas experiências sejam de fato significativas, é imprescindível que o espaço educativo seja planejado com intencionalidade e sensibilidade, favorecendo a autonomia, a criatividade e a socialização das crianças.

A organização do espaço escolar não pode ser vista como mero detalhe

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco - UPE, Campus Petrolina. Mestrando em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPPI-UPE), Professor Universitário da Faculdade de Educação Superior de Pernambuco (FACESP), antonio.ricardosouza@upe.br

² Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, ciências e Letras de Caruaru (FAFICA), Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Pernambuco - UPE, mariaisabel.nascimento@upe.br



arquitetônico ou estético; ela traduz concepções pedagógicas e ideológicas sobre infância, aprendizagem e docência. Como afirma Horn (2004), “o ambiente reflete a imagem que o educador tem da criança e de suas capacidades”. Assim, quando o professor organiza a sala de aula de modo a permitir que as crianças explorem livremente, ele está dizendo, de forma simbólica, que acredita em sua competência, em sua curiosidade e em sua capacidade de construir conhecimento.

Nessa perspectiva, os cantinhos de atividades ganham relevância como estratégia pedagógica inovadora e sensível. Esses espaços, organizados de forma planejada e com propósitos definidos, possibilitam às crianças vivências diversificadas, estimulando o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social. De acordo com Oliveira (2014), o espaço educativo constitui-se como um “terceiro educador”, pois contribui para mediar as relações entre a criança e o conhecimento. Portanto, o ambiente físico e simbólico não é apenas cenário da ação pedagógica — ele é parte integrante dela.

A importância de repensar o ambiente escolar tem sido reforçada por várias abordagens contemporâneas. A pedagogia de Reggio Emilia, por exemplo, compreende o espaço como um elemento ativo no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, Edwards, Gandini e Forman (2016) destacam que o ambiente comunica valores e intenções, devendo expressar estética, harmonia e respeito à criança. Do mesmo modo, a pedagogia montessoriana propõe o ambiente preparado, onde cada elemento tem função e sentido, estimulando a autonomia e o autocontrole infantil (Montessori, 1969).

No contexto brasileiro, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) enfatizam que a organização dos tempos, espaços e materiais deve garantir experiências que promovam o bem-estar, o movimento, a expressão, a comunicação, a curiosidade e a imaginação das crianças (Brasil, 2009). Assim, planejar os ambientes de forma intencional é uma exigência ética e pedagógica, pois o espaço revela o tipo de infância que a escola deseja construir.

A criação dos cantinhos pedagógicos — como o da leitura, da arte, da natureza, da música, do faz de conta ou das construções — representa, portanto, um recurso didático que permite articular teoria e prática, assegurando que a criança aprenda de modo ativo, participativo e prazeroso. Como defende Dewey (1979), a escola deve ser um “laboratório de vida”, um espaço em que o conhecimento se constrói por meio da experiência e da reflexão sobre o vivido.



Dessa forma, este estudo propõe uma reflexão sobre a organização intencional dos espaços educativos e sua relação com o desenvolvimento integral da criança, tomando como referência os cantinhos de atividades. O objetivo é compreender de que modo a estruturação do ambiente contribui para favorecer aprendizagens significativas, promovendo o protagonismo infantil e a mediação docente consciente. Para isso, o trabalho fundamenta-se em referenciais teóricos que defendem a centralidade do espaço no processo educativo e adota como metodologia o relato de experiência aliado ao diário de bordo, buscando articular teoria e prática no cotidiano pedagógico.

Em síntese, refletir sobre o espaço educativo é pensar sobre o próprio papel da escola e da docência na formação da criança. É compreender que a aprendizagem não se dá apenas pela transmissão de conteúdos, mas pela vivência sensorial, pela interação com o outro e com o ambiente. Nesse sentido, organizar o espaço de forma intencional é um gesto político e pedagógico, pois expressa o compromisso do educador com uma educação humanizadora, que valoriza a escuta, a autonomia e a infância em sua plenitude.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A organização dos espaços educativos na Educação Infantil tem sido amplamente discutida por pesquisadores e educadores, pois o ambiente em que a criança vive e aprende é um elemento essencial no processo de desenvolvimento e de construção do conhecimento. Mais do que um cenário físico, o espaço é um agente pedagógico que comunica intenções, valores e concepções sobre infância, ensino e aprendizagem. Oliveira (2014) afirma que o espaço constitui-se como um “terceiro educador”, ao lado do professor e da criança, uma vez que influencia diretamente o modo como os sujeitos interagem, exploram e aprendem.

Nessa perspectiva, compreender o espaço como componente ativo do processo educativo exige do professor uma postura reflexiva e intencional. O ambiente organizado de forma sensível e planejada favorece a autonomia, a curiosidade e a socialização, além de estimular a criatividade e o prazer pela descoberta. Lisboa (1998) ressalta que a estrutura física da escola deve estar a serviço da pedagogia, de modo que a organização dos espaços escolares permita à criança agir, criar, comunicar-se e cooperar. Assim, a disposição dos materiais, a ambientação e os recursos disponíveis devem ser pensados



para proporcionar experiências significativas e diversificadas.

Inspiradas nas concepções construtivistas e nas pedagogias ativas, diversas abordagens educacionais destacam a importância do ambiente como mediador da aprendizagem. A Pedagogia Montessori, proposta por Maria Montessori (1969), introduziu o conceito de ambiente preparado, no qual cada elemento é intencionalmente disposto para promover o desenvolvimento autônomo da criança. O espaço montessoriano é organizado para favorecer o movimento, a escolha e o autocontrole, permitindo que as crianças aprendam pela experiência direta e pela manipulação de objetos concretos. Nesse contexto, o papel do professor é o de observador e mediador, garantindo que o ambiente permaneça desafiador, acessível e harmonioso.

Outro referencial que fortalece a compreensão do espaço como elemento educativo é a abordagem de Reggio Emilia, que considera o ambiente como um “educador silencioso”. Edwards, Gandini e Forman (2016) destacam que o espaço comunica valores, estética e intencionalidades pedagógicas, sendo planejado para inspirar e provocar a curiosidade infantil. Essa concepção rompe com a ideia de sala de aula tradicional e propõe ambientes flexíveis, abertos à exploração e à experimentação, onde as crianças possam expressar suas “cem linguagens” — corporais, verbais, artísticas e simbólicas.

O construtivismo, fundamentado nas teorias de Piaget (1976), reforça que o conhecimento é construído a partir da interação entre o sujeito e o meio. Dessa forma, o espaço educativo é o campo em que se materializam essas interações: ele oferece oportunidades para que as crianças manipulem, testem hipóteses, errem e reconstruam saberes. Em consonância, Vygotsky (1998) amplia essa compreensão ao evidenciar o papel das relações sociais e da mediação na aprendizagem. Para o autor, o desenvolvimento humano ocorre primeiro no plano social e depois no individual, o que torna as interações — entre pares e entre criança e professor — fundamentais para o aprendizado. Assim, ambientes ricos em estímulos, nos quais as crianças possam cooperar e dialogar, favorecem a construção coletiva do conhecimento.

Dewey (1979) também contribuiu significativamente ao discutir a educação como experiência. Para ele, o espaço escolar deve ser um local de vivência e experimentação, e não de mera instrução. O autor defende que o aprendizado se dá pela ação e pela reflexão sobre a ação, de modo que o ambiente deve estimular a curiosidade e o engajamento ativo



do aluno. Essa concepção dialoga diretamente com o conceito de cantinhos pedagógicos, que se constituem como pequenas áreas de exploração, nas quais a criança aprende de maneira autônoma, lúdica e participativa.

Ao refletir sobre o papel do professor na organização desses espaços, Oliveira (2014) enfatiza que o educador deve atuar como mediador do processo educativo, planejando e reorganizando os ambientes de acordo com as necessidades e os interesses das crianças. Sua intervenção deve ser intencional, mas não diretiva, permitindo que a espontaneidade e o protagonismo infantil sejam preservados. O equilíbrio entre estrutura e liberdade é o que assegura o caráter formativo dos cantinhos e garante o desenvolvimento integral.

Dessa forma, a fundamentação teórica evidencia que o espaço educativo é, ao mesmo tempo, meio e mensagem. Ele comunica a concepção de infância que a escola defende e materializa as práticas pedagógicas que ali se desenvolvem. Organizar o espaço de forma intencional significa reconhecer a criança como sujeito ativo, competente e criador, que aprende por meio das interações, das descobertas e das experiências vividas no cotidiano escolar. Como destacam Silva e Santos (2023), “a estrutura física e simbólica da escola deve traduzir uma pedagogia do acolhimento, da escuta e da experimentação”, pois é por meio dessas experiências que a criança se desenvolve integralmente, articulando o saber, o sentir e o conviver.

METODOLOGIA

Este estudo está ancorado em uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, fundamentada no método de Relato de Experiência e no uso do Diário de Bordo como instrumento de registro e reflexão das práticas pedagógicas. De acordo com Minayo (2012), a pesquisa qualitativa permite compreender os significados das ações humanas e suas relações com o contexto, favorecendo uma análise mais profunda das práticas educativas e das experiências vividas pelos sujeitos.

O relato de experiência é um recurso metodológico amplamente utilizado na área da Educação, pois possibilita o registro crítico e reflexivo sobre as práticas pedagógicas, revelando o modo como o professor percebe, analisa e ressignifica sua ação educativa. O diário de bordo, por sua vez, constitui-se como uma ferramenta de acompanhamento



contínuo das observações realizadas, permitindo registrar as interações das crianças com o ambiente, os desafios enfrentados e os avanços percebidos ao longo do processo.

A experiência analisada ocorreu em uma instituição privada de Educação Infantil localizada na cidade de Petrolina-PE, durante um semestre letivo. A turma observada era composta por crianças de 4 a 5 anos de idade, em período parcial. O espaço escolar contava com diferentes ambientes organizados sob a lógica dos cantinhos pedagógicos, como o cantinho da leitura, das artes, da natureza, do faz de conta e da construção.

As observações foram realizadas de forma sistemática, com anotações diárias no diário de bordo, registrando aspectos relacionados à autonomia, à interação social, ao envolvimento das crianças nas atividades e à mediação docente. A análise foi conduzida de maneira interpretativa, buscando compreender de que modo a organização intencional dos espaços contribuía para o desenvolvimento integral das crianças, articulando prática e teoria a partir de autores como Oliveira (2014), Vygotsky (1998), Montessori (1969) e Dewey (1979).

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender o fenômeno educativo em sua complexidade, levando em conta os sentidos, percepções e experiências dos participantes. Como afirma Lüdke e André (1986), essa metodologia privilegia o contato direto com o campo, permitindo ao pesquisador compreender as relações humanas e as dinâmicas pedagógicas em seu contexto real.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das observações revelou que a organização intencional dos espaços educativos tem impacto direto sobre a qualidade das experiências vividas pelas crianças e sobre o modo como elas constroem conhecimentos. Nos ambientes onde os cantinhos estavam bem estruturados e acessíveis, as crianças demonstravam maior autonomia, iniciativa e envolvimento nas atividades propostas.

O cantinho da leitura, por exemplo, mostrou-se um espaço privilegiado de linguagem, imaginação e diálogo. As crianças escolhiam os livros livremente, faziam reconto das histórias e, em alguns momentos, criavam narrativas próprias. Essa prática confirma as ideias de Vygotsky (1998), ao afirmar que a linguagem é um instrumento mediador essencial para o desenvolvimento cognitivo. Além disso, observou-se que o



contato cotidiano com os livros despertou o interesse pela leitura e favoreceu o desenvolvimento da oralidade.

No cantinho das artes, o ambiente preparado com tintas, papéis, pincéis, argila e outros materiais recicláveis estimulou a expressão individual e coletiva. As produções artísticas surgiam de forma espontânea, permitindo que as crianças expressassem emoções, experimentassem texturas e exercitassem a coordenação motora fina. Oliveira (2014) destaca que a arte na Educação Infantil é um meio de comunicação e construção de identidade, possibilitando à criança expressar-se através de múltiplas linguagens.

O cantinho da natureza, por sua vez, favoreceu a observação e o cuidado com o meio ambiente. Ao plantar sementes e cuidar de pequenas hortas, as crianças demonstraram empatia, responsabilidade e compreensão sobre os ciclos da vida. Essas experiências dialogam com Dewey (1979), que defende a educação baseada na experiência como um processo ativo de descoberta e de relação com o mundo.

O cantinho do faz de conta revelou-se um dos espaços mais ricos em interações simbólicas e aprendizagens sociais. Nesse ambiente, as crianças representavam papéis, negociavam regras, resolviam conflitos e elaboravam situações do cotidiano, desenvolvendo competências socioemocionais. Essa dimensão simbólica da brincadeira é amplamente destacada por Vygotsky (1998), para quem o faz de conta é uma das formas mais elevadas de atividade infantil, pois permite a internalização de normas sociais e o desenvolvimento da imaginação criadora.

Além das aprendizagens infantis, observou-se que o papel do professor mediador é fundamental para que os espaços funcionem como ambientes de aprendizagem ativa. O educador que observa, escuta e intervém de modo planejado contribui para ampliar as experiências das crianças sem restringir sua liberdade de ação. Quando o professor atua como facilitador, as crianças se sentem mais confiantes e participativas, revelando avanços significativos em sua autonomia e socialização.

A partir das observações, foi possível constatar que a organização intencional dos cantinhos potencializa o desenvolvimento integral, articulando dimensões cognitivas, afetivas e sociais. Essa constatação reforça a visão de Silva e Santos (2023), que defendem o espaço escolar como elemento formador e mediador da aprendizagem, onde o corpo, o movimento e as interações se integram em um processo educativo vivo e significativo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas análises realizadas, conclui-se que a organização intencional dos espaços educativos representa um componente essencial da prática pedagógica na Educação Infantil. O espaço escolar, quando planejado de forma consciente, reflete a concepção de criança como sujeito ativo, curioso e competente, capaz de construir conhecimentos a partir de suas próprias experiências e interações.

Os cantinhos de atividades — leitura, arte, natureza e faz de conta — constituem-se como instrumentos pedagógicos potentes, que favorecem a aprendizagem significativa, a autonomia e o desenvolvimento das múltiplas linguagens infantis. Ao permitir que as crianças escolham, explorem e experimentem, esses espaços tornam o ambiente escolar mais dinâmico e prazeroso, ressignificando o brincar como eixo estruturante do processo educativo.

O papel do professor, nesse contexto, é de mediador e observador sensível. Cabe ao educador planejar, observar e intervir de maneira intencional, garantindo que o espaço atenda às necessidades e aos interesses das crianças, sem eliminar a espontaneidade e o protagonismo infantil. Essa postura contribui para uma educação mais humanizada, baseada no respeito, na escuta e na valorização das experiências infantis.

Por fim, este estudo reforça a importância de considerar o ambiente como elemento pedagógico ativo. Organizar o espaço é também organizar o pensamento educativo e as relações que nele se estabelecem. Assim, os cantinhos pedagógicos não são apenas uma forma de disposição física, mas a materialização de uma pedagogia que valoriza a infância, a ludicidade e o desenvolvimento integral da criança — dimensões que devem continuar orientando o fazer docente e o planejamento escolar.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. A infância e suas linguagens: o lugar do brincar na Educação Infantil. Porto Alegre: Penso, 2010.
- BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília, DF: MEC, 2009.
- DEWEY, John. Experiência e educação. São Paulo: Nacional, 1979.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). As cem linguagens



da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

HORN, Maria da Graça Souza. O ambiente e o cotidiano na Educação Infantil. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LISBOA, Maria de Lourdes. A organização dos espaços escolares na Educação Infantil. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1998.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

MONTESSORI, Maria. A criança. São Paulo: Paulus, 1969.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1976.

SILVA, Maria Isabel do Nascimento; SANTOS, Antonio Ricardo de Souza. Espaço, corpo e aprendizagem na Educação Infantil. Recife: FACESP, 2023.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

